

Interpretação: a tradução em tempo real

Claudio Calabria¹

A principal diferença entre tradução e interpretação é o meio: enquanto o tradutor reproduz texto escrito, o intérprete traduz oralmente.

Pouco foi escrito sobre a origem e a história da interpretação. Não é possível precisar uma data para o surgimento dessa atividade, pelo fato de a interpretação, ao contrário da tradução escrita, não deixar vestígios. Mas é razoável supor que ela surgiu há alguns milhares de anos, do contato entre povos de culturas diferentes. A primeira prova escrita da existência desta atividade é de cerca de 3000 a.C., época na qual os egípcios tinham um hieróglifo para a função de intérprete.

É bem sabido que também na Grécia e Roma antigas fazia-se uso da interpretação; tanto os gregos quanto os romanos consideravam indigno o aprendizado das línguas dos povos conquistados e, por isso, escravos e prisioneiros tinham que aprender vários idiomas e servir a nobreza como intérpretes.

Desde a Antiguidade até o século XVII, o latim foi a língua franca na Europa. Logo, todas as nações precisavam de falantes do latim para dar curso a suas relações diplomáticas.

Através dos séculos, a interpretação se difundiu devido a vários fatores, como, por exemplo, a religião: povos de diversas religiões viajaram e continuam viajando a terras estrangeiras para difundir suas crenças. Nos séculos XVIII e XIX, muitos árabes passavam pela África ocidental para fins comerciais. Mas junto com seus produtos, trouxeram o Islã aos africanos, e o árabe, língua do Alcorão, adquiriu uma grande importância. Intérpretes auxiliavam na disseminação da religião pelo continente.

Outra religião que sempre procurou expandir suas fronteiras é o cristianismo. Registra-se, por exemplo, que em 1253 Guilherme de Rubruck foi mandado à Ásia por Luís IX acompanhado de intérpretes, numa missão religiosa.

Outro fator que contribuiu para o avanço da interpretação foi a era das Grandes Descobertas, quando a Europa entrou em contato pela primeira vez com a América. A exemplo do que ocorria na antiguidade clássica, alguns nativos aprendiam a língua dos conquistadores e serviam de mediadores nas negociações. Uma das mais famosas intérpretes da história, Doña Marina, era mexicana, e serviu a Cortez em suas expedições.

É comum dizer que a interpretação simultânea surgiu no Julgamento de Nuremberg. Porém, como ocorre em geral com as revoluções, e, em particular, com as revoluções técnicas e científicas, as condições para a mudança já haviam sido criadas antes de sua adoção em larga escala.

Ao fim da I Guerra Mundial, os vencedores do conflito organizaram uma conferência internacional para negociar tratados de paz entre as Forças Aliadas e os inimigos vencidos, discutindo as sanções que deveriam ser impostas às nações derrotadas. Nesse contexto surgiu a interpretação consecutiva de conferências. Porém, a lentidão do processo fez com que o empresário americano Edward Filene começasse a financiar testes de interpretação simultânea em encontros internacionais a partir de 1924. Os experimentos atingiram certo grau de sucesso, especialmente nas conferências da Organização Internacional do Trabalho em 1927 onde, a contrário das reuniões da Liga das Nações, que eram oficialmente bilíngües e freqüentadas apenas por diplomatas ou oficiais do governo, a barreira lingüística impunha um grande obstáculo à comunicação.

Mas apesar de não ser a primeira ocorrência da utilização de interpretação simultânea, foi no Julgamento de Nuremberg, em 1946, que a interpretação simultânea se estabeleceu nas conferências internacionais.

¹ Acadêmico da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Na época, a interpretação consecutiva ainda era o padrão nos encontros internacionais, sendo a simultânea muito cara e complicada de se usar nos tempos da II Guerra Mundial. Nos encontros da Liga das Nações em Genebra, por exemplo, fazia-se uso de interpretação consecutiva nos idiomas inglês e francês.

O Julgamento de Nuremberg mudou tudo. Organizado de forma a ser um espetáculo, coberto pela mídia de todo o mundo, os intérpretes de alemão, inglês, francês e russo tiveram aí um papel fundamental. Pouco tempo depois, em 1947, a Resolução 152 das Nações Unidas estabeleceu a interpretação simultânea como um serviço a ser utilizado permanentemente pela ONU.

O termo *community interpreting* (interpretação comunitária) foi cunhado nos anos 70, na Austrália, para descrever a interpretação feita em contextos institucionais de uma dada sociedade na qual os fornecedores dos serviços públicos e os clientes individuais não falam a mesma língua. Embora o termo seja recente, pode se dizer que a esta modalidade tem sua origem nos primórdios da interpretação.

Modalidades de Interpretação

A principal diferença entre tradução e interpretação é o meio: enquanto o tradutor reproduz texto escrito, o intérprete traduz oralmente.

Essa diferença fundamental acarreta uma outra: enquanto o tradutor tem acesso a toda uma série de recursos, desde uma biblioteca de dicionários até o auxílio do computador, o intérprete deve fazer sua tradução em tempo real. Para minimizar esta desvantagem, o intérprete muitas vezes pode ter acesso prévio ao texto que traduzirá, bem como outros materiais de apoio.

Quanto à técnica, a interpretação pode ser simultânea ou consecutiva.

Quanto ao local, pode ser de conferência, de acompanhamento ou comunitária (médica, legal, etc.).

Na interpretação simultânea, o intérprete fala ao mesmo tempo em que o orador. Geralmente o intérprete permanece numa cabine com isolamento acústico, usando fones de ouvido para ouvir o discurso e falando através de um microfone para o público que, por sua vez, usa fones para ouvir o discurso traduzido pelo intérprete.

Na tradução sussurrada, ou *chuchotage*, o intérprete fica próximo ao(s) ouvinte(s) e traduz para ele(s)/ela(s) o discurso original em voz baixa. Essa modalidade é utilizada nas situações em que apenas um número limitado de pessoas na audiência não compreende o idioma falado.

Na interpretação consecutiva, o intérprete começa a falar depois de terminada a intervenção do orador, podendo o discurso ser dividido em seções. Geralmente o intérprete senta-se ao lado do orador. Quando este termina, o intérprete reproduz a mensagem na língua de destino, como se estivesse ele mesmo discursando, geralmente apoiando-se em anotações. A interpretação consecutiva no âmbito de conferências perdeu muito mercado para a interpretação simultânea, porém tem como vantagens o baixo custo e a facilidade de aplicação (não é necessário nenhum equipamento especial), razões pela qual é ainda muito utilizada, sobretudo na Ásia e na Europa oriental. Também se faz necessária em certos tipos de reuniões (reuniões muito técnicas, almoços de negócios, pequenos grupos, etc.) e em vários contextos de interpretação comunitária.

A essas duas modalidades, Reynaldo Pagura acrescenta uma outra: a interpretação intermitente: *A modalidade intermitente (ou “sentence-by-sentence”, ou ainda “ping-pong”) não é comumente estudada por pesquisadores da área, nem utilizada por profissionais em eventos de caráter internacional. É vista mais freqüentemente em reuniões nas quais se pede a uma pessoa que fala as duas línguas, via de regra sem qualquer treino em interpretação, para que se coloque ao lado de um palestrante estrangeiro e traduza o que ele está dizendo. O palestrante fala uma ou duas frases curtas e faz uma pausa para que as suas sentenças sejam traduzidas para o idioma da platéia.*

Esse processo centra-se basicamente na tradução das palavras ditas, sem levar em conta diversos outros fatores importantes no processo interpretativo, seja pela própria natureza da situação ou, muito comumente, pela falta total de treino da pessoa colocada na posição de “intérprete”. É comum algumas pessoas confundirem essa modalidade de interpretação com o que os profissionais chamam de consecutiva, já mencionada acima (Pagura 2003:212).

A interpretação de acompanhamento (*escort interpreting*) é feita por um intérprete que acompanha uma pessoa ou delegação numa viagem, visita, encontro ou entrevista.

Na interpretação comunitária o intérprete estabelece a comunicação nos casos em que o fornecedor de um serviço público e o cliente não falam o mesmo idioma, cobrindo as áreas legal e médica, além de serviços sociais em geral.

A interpretação simultânea é tida como excepcionalmente dispendiosa em termos de cognição

Poucas atividades humanas conseguem atingir o nível de complexidade intelectual da tradução. Esse processo, fundamental para a aproximação e comunicação de culturas — sobretudo em tempos de globalização — exige do praticante um conhecimento sólido de pelo menos dois idiomas.

Como se viu, dentro do vasto campo da tradução, uma atividade em especial é tida como excepcionalmente dispendiosa em termos de cognição: a interpretação simultânea. Além do esforço de compreender um texto em determinada língua e reproduzi-lo em outra, o intérprete simultâneo deve fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Isto quer dizer que, além da assimilação do texto e sua reprodução num novo contexto, ele tem sua capacidade de processamento sobrecarregada pelo esforço a que submete sua memória de curto prazo, que deve reter a informação do texto original até que este seja traduzido.

REFERÊNCIAS

- PAGURA, Reynaldo. *A Interpretação de conferências: Interfaces com a Tradução Escrita e Implicações para a Formação de Intérpretes e Tradutores*. Delta. [online]. 2003, vol.19, p.209-236. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php, ISSN 0102-4450
- Europa SCIC. *O que é a interpretação?* Disponível em: europa.eu.int/comm/scic/interpreting/faq_pt.htm
- AIIC – Professional Conference Interpreters Worldwide. Disponível em: www.aiic.net
(conteúdo dos sites acessado em 09 de abril de 2006)

